

**ECONOMIA, POLÍTICA, CRISE E TURISMO:
ANALISANDO O FLUXO TURÍSTICO NO BRASIL NO PERÍODO 1993 - 2019**
**Economy, Policy, Crisis and Tourism:
Analyzing the Tourist Flow in Brazil in the Period 1993 - 2019**

ROQUE PINTO¹ & SÓCRATES MOQUETE GUZMÁN²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i1p90>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a atividade turística no Brasil sob a ótica das incertezas e oscilações decorrentes do ambiente social, político e econômico do país. O artigo apresenta dados do tráfego nacional e internacional de passageiros no Brasil e faz sua relação com grandes eventos e com a ocorrência de crises econômicas e políticas em âmbito nacional e internacional. Para verificar se as crises afetam o desempenho do turismo foi elaborada uma série histórica de 27 anos com base em estatísticas oficiais de órgãos governamentais do Brasil e organizações internacionais como a Organização Mundial de Turismo. Os resultados apresentados indicam que, apesar do aumento do tráfego turístico na primeira década do século 21, o mercado de turismo brasileiro ainda apresenta desempenho aquém da capacidade devido às persistentes e graves disparidades econômicas e sociais e às incertezas políticas e econômicas. Esta pesquisa oferece uma perspectiva alternativa a respeito do desempenho da atividade turística no Brasil, ao relacionar o fluxo de desembarques nacionais e internacionais com as turbulências econômicas e políticas vividas no período, indicando que as crises sistêmicas contagiosas em nível internacional afetam menos o mercado turístico brasileiro do que as crises domésticas.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Desembarques; Economia; Política; Brasil.

¹ **Roque Pinto** – Doctor Europaeus. Professor Titular de Antropologia na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5347-0901> E-mail: roquepintosantos@gmail.com

² **Sócrates Moquete Guzmán** - Doutor. Professor Pleno de Economia na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1778-4441> E-mail: socrates@uesc.br

ABSTRACT

This article aims to discuss tourist activity in Brazil from the perspective of uncertainties and fluctuations arising from the country's social, political and economic environment. The article presents data on national and international passenger traffic in Brazil and relates to major events and the occurrence of economic and political crises at the national and international levels. To verify whether crises affect the performance of tourism, a 27-year historical series was prepared based on official statistics from Brazilian government agencies and international organizations such as the WTO. The results presented indicate that, despite the increase in tourist traffic in the first decade of the 21st century, the Brazilian tourism market still underperforms capacity due to the persistent and serious economic and social disparities and political and economic uncertainties. This research offers an alternative perspective regarding the performance of tourist activity in Brazil, by relating the flow of national and international landings to the economic and political turbulences experienced in the period, indicating that contagious systemic crises at an international level affect the Brazilian tourism market less than domestic crises.

KEYWORDS

Tourism; Landings; Economy; Politics; Brazil.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país complexo e dotado de peculiaridades sócio-históricas que estão, continuamente, pondo à prova a lógica e a racionalidade das teorias sociais e econômicas. Assim, as volatilidades e instabilidades constituintes do processo formativo do País, inclusive no passado recente e no presente, são elementos importantes para o entendimento do desempenho da atividade turística brasileira. É neste sentido que este trabalho objetiva discutir as potencialidades do mercado turístico no Brasil a partir da perspectiva das suas incertezas e seus abalos sociopolíticos e econômicos, com especial com ênfase no fluxo de desembarques entre os anos de 1993 e 2019.

O que interessa aqui é empregar uma extensa série histórica de 27 anos – com a utilização de dados oficiais do Ministério do Turismo do Brasil (2019) e da Organização Mundial do Turismo (OMT, 2002, 2019) – para aferir esse fluxo turístico nos anos que aconteceram crises nacionais e internacionais. Pretende-se, portanto, verificar o comportamento da série histórica de desembarques nacionais e internacionais no Brasil face às crises internas e globais e comparar

o desempenho dos desembarques internacionais no Brasil com o de países que detêm a liderança enquanto receptores de turistas líderes no contexto mundial.

ATIVIDADE TURÍSTICA: COMPLEXIDADE, INSTABILIDADES E INTERDEPENDÊNCIAS

Vários autores reconhecem a importância da interface entre política, economia e turismo como estratégica para um melhor entendimento da atividade turística como um todo (Chambers, 2000; Coleman & Crang, 2002; Boissevain, 2007), não podendo o turismo ser reduzido, portanto, à mera esfera da economia ou da administração de negócios (Andriotis, 2006; Santana Talavera, 2015). Como ressalta Pires (2003), o “turismo é um fenômeno profundamente imbricado com as restantes esferas da cultura, assumindo-se como uma atividade socialmente condicionada e condicionadora” (p. 95).

Assim, o conjunto de atividades ligadas ao turismo é altamente vulnerável ao seu entorno sociocultural [incluindo os dispositivos legais e institucionais locais], sendo a própria atividade marcada por uma arena de disputas pelo seu controle hegemônico, tanto no campo econômico quanto político ou mesmo simbólico (Bianchi, 2003; Altinay & Bowen, 2006). Considerando inclusive que esta dimensão simbólica engloba o produto turístico como um todo e está no centro da disputa pela legitimação do tradicional, do ‘típico’ e dos critérios de demarcação identitária (Pinto, 2006; 2012; Munsters & Marjan, 2015; Pereiro, 2016). A própria assimetria que marca o espaço turístico (Smith, 1977; 1989; Smith & Brent, 2001; Nash, 1996; Santana Talavera, 1997; 2009; Simonicca, 2001; 2007), favorece o seu reconhecimento como palco, discurso e tecnologia de poder, não só enquanto epicentro e depositário de narrativas de identidade, mas também como *locus* de circulação de um poder difuso e capilar (Cheong & Miller, 2000; Galani-Moutafi, 2000; Pinto & Pereiro, 2010; Grünewald, 2015).

De fato, ainda que um turista imaginário pense que esteja isolado do resto do mundo na sua bolha ambiental [environmental bubble] dentro de um resort privado longe da civilização, o equipamento turístico de que o desavisado turista desfruta está totalmente vinculado ao seu entorno econômico, político e institucional, a despeito de qualquer distância simbólica ou mesmo físico-geográfica, uma vez que o hotel estará situado necessariamente dentro de um município, de um estado e de um país e sujeito a todas as regulações legais, sociais e político-econômicas. Portanto, fatores ‘externos’ ao turismo estarão o tempo todo agindo na ambiência corporativa turística. Como diz Foucault (1976), pensando as relações de poder no contexto mais geral, deve-se verificar não apenas a partir da soberania do estado, a forma da lei ou a natureza do seu tipo de dominação, mas sim nas suas ‘formas terminais’, nas suas capilaridades, na circularidade/reciprocidade do poder em si mesmo.

A antropologia política é pródiga em exemplos de processos de poder que transitam entre esferas sociais aparentemente distintas, mas que estão constantemente se retroalimentando (Fortes & Evans-Pritchard, 1940; Barnes, 1987; Meyer, 1987; Lewellen, 1994; Kurtz, 2001). E, obviamente, num contexto tão assimétrico e dotado de uma forte característica semiótica e performática, como no encontro turístico entre visitantes e visitados, não poderia ser diferente. Mesmo porque se trata de um momento dotado de características socialmente peculiares, em que se tem uma “cultura do contato ou cultura do encontro, resultante das formas adaptadas de visitantes e residentes, que a fazem diferente das duas culturas matrizes e onde cada uma delas ‘empresta’ parte de seus conceitos, valores e atitudes de forma assimétrica, constituindo em si mesma uma combinação cultural única” (Santana Talavera, 2009, p. 156).

Nesse sentido, percebe-se uma aproximação quase orgânica entre a formação da imagem turística, a própria concepção do turismo e seus modelos de desenvolvimento, por um lado e, por outro, a estrutura político-econômica e institucional local que lhe dá suporte e modela seu horizonte de possibilidades (Morgan & Pritchard, 1998; Sharpley & Telfer, 2002; Hernández Ramírez, Pereiro & Pinto, 2015).

INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ATIVIDADE TURÍSTICA NO BRASIL E INCERTEZAS DO SEU ENTORNO POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICO

Os primeiros registros da participação do estado na atividade turística, no contexto brasileiro, se dão na década de 1930, através de normativas que ordenavam algumas atividades relativas ao turismo, como o decreto-lei 2440, de 23 de julho de 1940, que trata das empresas e agências de turismo e da obrigatoriedade de registro perante a administração pública. A partir de 1951 as agências de venda de passagens ficaram sob supervisão do Departamento Nacional de Imigração e Colonização, depois do Instituto Nacional de Imigração e Colonização e, posteriormente, da Superintendência da Política Agrária.

Em 1958 foi criada a Comissão Brasileira de Turismo [Combratur], como uma primeira tentativa de organizar uma Política Nacional de Turismo. Quatro anos depois a entidade foi extinta sem conseguir atingir seus objetivos previstos em lei. Apenas no ano de 1966, com a criação do Conselho Nacional de Turismo e da Empresa Brasileira de Turismo [Embratur], é que o turismo passa a ter reconhecimento como atividade econômica, com potencial de alterar contextos sociais locais. Dez anos depois, o governo da época autoriza a prática de voos domésticos com descontos, para fins turísticos. No mesmo ano são instituídos estímulos fiscais para o turismo internacional (Barretto, 1991).

A partir de 1977 tem-se um aprimoramento progressivo na legislação, no planejamento e no fomento ao turismo. Em 1994 começa-se a desenhar uma diretriz nacional para política de turismo e, no ano seguinte, o Programa Nacional de Financiamento do Turismo injeta R\$ 250 milhões no setor [US\$64.766.839]. No dia 1º de janeiro de 2003, dia da posse do presidente Lula da Silva, foi criado o Ministério do Turismo, até então inexistente no Brasil, já que a atividade sempre esteve subordinada a outras pastas (Beni, 2006). Foram definidas metas objetivas: atingir o montante de 9 milhões de turistas estrangeiros/ano, gerando divisas na ordem de US\$ 8 bilhões até 2006; e aumentar para 60 milhões por ano os desembarques domésticos, criando condições de gerar 1,2 milhão de novos empregos no turismo num período de 4 anos (Dias, 2003).

Avaliando as atribuições políticas e econômicas vividas pelo Brasil nas últimas décadas [quadros 1 e 2], nota-se que não faz muito sentido – diferentemente do usual em destinos maduros – considerar o mercado turístico brasileiro em função de séries históricas lineares. E que, assim, deve-se considerar alguns fatores decisivos para o desempenho da atividade turística neste contexto, como seu entorno econômico e político, além das profundas desigualdades socioeconômicas.

Quadro 1 – Planos governamentais de desenvolvimento e infraestrutura no período de 1949 a 1979

Plano	Ano
Plano Salte	1950 – 1951
Plano de Metas	1956 – 1961
Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social	1963 – 1964
Plano de Ação Econômica do Governo	1964 – 1967
Plano Decenal	1967
Programa Estratégico de Desenvolvimento	1968 – 1970
Programa de Metas e Bases para a Ação do Governo	1970 – 1973
Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento PND-I	1972 – 1974
Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento PND-II	1975 – 1979

Fonte: Elaboração própria com base em Diniz (1997).

Quadro 2 – Planos econômicos no período de 1986 a 1994

Ano	Plano Econômico	Moeda Anterior	Nova Moeda	Presidência
1986	Plano Cruzado	Cruzeiro	Cruzado	José Sarney
1987	Plano Cruzado II	Cruzado		
1988	Plano Bresser	Cruzado		
1989	Plano Verão	Cruzado	Cruzado Novo	
1990	Plano Brasil Novo (Collor I)	Cruzado Novo	Cruzeiro	Fernando Collor
1990	Plano Collor II	Cruzeiro		

Pinto, R. & Moquete Guzmán, S. (2021). Economia, política, crise e turismo: a oscilação do fluxo aéreo brasileiro entre 1993 e 2017. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 13(1), pp. 90-108, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i1p90>

1991	Plano Marcílio	Cruzeiro		
1994	Plano Real ¹	Cruzeiro	Real	Itamar Franco

Fonte: Elaboração própria com base em Diniz (1997) e Cano (2008).

A alta concentração de renda e as incertezas da economia, especialmente a inflação e o temor de planos ou ‘pacotes’ econômicos que viessem a corroer os recursos familiares (como o traumático confisco da poupança feito pelo presidente Collor em 1990), fizeram com que o turismo no Brasil – ao menos na sua variante institucionalizada – fosse considerado e realmente representasse um luxo para poucos em comparação com o universo da população nacional, embora o padrão de viagem familiar com deslocamento por automóvel ou em excursões sempre se registrasse em maior ou menor grau em todo o país, mesmo em tempos de crise.

O desempenho relativamente limitado da atividade turística no Brasil pode ser atribuído, pois, à profunda e histórica desigualdade econômica e social do país, que resulta numa forte restrição de demanda, que ao concentrar a riqueza nas mãos de poucos reduz a expectativa de expansão do turismo interno. Esta situação também levou a uma subvalorização da atividade turística, pensada por muito tempo como algo esnobe e fútil, uma diversão cara e luxuosa só para ricos, e que não teria uma relação muito importante com as economias locais, salvo o âmbito estrito da hotelaria, cujo fluxo de circulação monetária é curtocircuitado pelo sistema All-Inclusive Resort. E que, portanto, não seria lógico ou necessário despender tempo, energia e recursos institucionais e humanos em planos e projetos dentro de políticas governamentais mais gerais.

O reflexo disto pode ser medido pelo relatório do Fórum Econômico Mundial intitulado “The Travel & Tourism Competitiveness Report 2017” que, ao mesmo tempo em que o Brasil figura em primeiro lugar em potencial de recursos naturais, o rebaixa em quase todos os outros critérios, classificando-o na posição 27 numa lista de 136 países (saúde e higiene, 70º; sustentabilidade, 66º; mão de obra, 93º; segurança, 106º; infraestrutura terrestre e portuária, 112º; ambiente de negócios, 129º lugar) (WEF, 2017). Ainda de acordo com este documento, o setor turístico no Brasil proporcionou em 2017, US\$ 56 milhões [R\$ 175 milhões] em receitas, o equivalente a 3,3% do PIB. E gerou 2,6 milhões de empregos, quase 3% do total de empregos no País.

ANÁLISE DOS DESEMBARQUES NACIONAIS E INTERNACIONAIS DE PASSAGEIROS E DAS CHEGADAS DE TURISTAS ESTRANGEIROS NO BRASIL NO PERÍODO DE 1993-2019

Nesta seção são apresentadas três tabelas que permitem estabelecer algumas análises comparativas. Na Tabela 1 são exibidos os desembarques nacionais de passageiros, residentes

e não residentes, em aeroportos, no Brasil, 1993-2019. Como não foram encontrados dados separados do fluxo de turistas nacionais, seja por via aérea, fluvial ou terrestre, utilizamos esse indicador como referência para analisar o desempenho do turismo durante a série temporal, em relação a acontecimentos como crises nacionais e internacionais e grandes eventos, como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e as Olimpíadas de verão de 2016. Cabe assinalar que os voos domésticos são categorizados em 'regulares' e 'não regulares' [charter e fretados] de acordo à definição da ANAC. Além disso, o indicador "movimento de passageiros nos aeroportos do Brasil" é usado como fonte de análise do turismo no Brasil pelo Ministério de Turismo do Brasil (Brasil, 2019a).

Na Tabela 2 são apresentados os dados dos desembarques internacionais de passageiros residentes e não residentes no Brasil e as chegadas de turistas estrangeiros no Brasil por via aérea, fluvial, marítima e terrestre para o mesmo período. O cálculo da variação percentual feito pelos autores [Tabelas 1 e 2], foram baseados em dados coletados pela Agência Nacional de Aviação Civil – ANAC – e publicados pelo Ministério de Turismo do Brasil (Brasil, 2019a; Brasil 2019b). Já os dados referentes aos desembarques internacionais de passageiros nos países selecionados para 2000 e 2018, com cálculo da variação percentual realizada pelos autores [Tabela 3], tiveram como fonte a OMT (2002; 2019). Todos os dados foram tabulados e calculados em Excel 2013.

Tomaram-se como referência para comparação três subperíodos: 1995-2002, 2003-2010 e 2011-2014, que correspondem aos governos, respectivamente, de Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Social Democracia Brasileira [PSDB], de Luís Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff, ambos do Partido dos Trabalhadores [PT]. Também foi analisado o período de governo da presidenta Dilma Rousseff, 2011 até 2015. Finalmente, esta seção apresenta uma breve comparação entre o Brasil e os principais países receptores de turistas do mundo, cujos dados estão na Tabela 3.

Os dados da Tabela 1 indicam uma evolução gradual em termos absolutos do incremento de viagens de passageiros no Brasil. Somando as variações percentuais da série 1993-2019, dos desembarques domésticos ou nacionais de passageiros nos aeroportos, tem-se um total de 189,24%, cuja média de crescimento para 26 anos foi de 7,28%. Não foi considerado o ano 1993 para calcular a média.

Subdividindo a série temporal no período 1995-2002 (governo Fernando Henrique Cardoso) pode ser constatado que nesse governo a taxa acumulada de crescimento das viagens domésticas por via aérea foi de 59,93%, considerando as variações percentuais a partir de 1996

em relação a 1995. A média anual para esse período foi de 8,56%, portanto acima da média de toda a série, que foi 7,28%. Ele obteve a sua maior variação percentual de crescimento em 1998 (21,29%) e sua menor taxa de variação anual em 2002 (1,01%), último ano de seu governo. Paradoxalmente o crescimento do PIB em 1998 foi o menor (0,1%) de seus oito anos de governo e em 2002 foi um dos quatro melhores (3,1%). Isso indica que o fluxo aéreo doméstico não se viu afetado pelo resultado da atividade econômica. Já no governo Lula [2003-2010], o indicador de desembarques nacionais cresceu em 86,50%, resultando em uma média anual de 12,36%, bem acima da média da série 1993-2019. De fato, o seu primeiro ano de governo foi o pior em viagens turísticas domésticas, experimentando uma queda de -6,69%; já no último ano do governo Lula atingiu-se o melhor desempenho com crescimento de desembarques nacionais de 21,84%, o melhor de toda a série 1993-2019. Se considerados como parte da série de ambos governos o primeiro de gestão [1995 para FHC e 2003 para Lula] os valores resultantes seriam: 75,77% de taxa acumulada e 9,47% de taxa anual para o governo FHC e 79,82% de taxa acumulada de crescimento e 9,98% de média anual para o governo Lula.

Para o governo Dilma Rousseff a taxa acumulada de crescimento dos desembarques de passageiros em aeroportos nacionais no período 2012-2015 foi de 18,14% com uma média anual de 4,53% e se considerado o período integral 2011-2015 em que ela ficou como presidenta (tirando os meses que permaneceu em 2016, até 12 de maio quando foi afastada) a taxa de crescimento foi de 34,23% com uma média, para os cinco anos, de 6,85%.

Tabela 1 – Desembarques nacionais de passageiros em aeroportos e PIB real do Brasil (1993-2019)

Ano	TOTAL	Variação (%)	PIB real variação (%)	Eventos / Crises
1993	16.859.846	---	4,7	
1994	16.213.319	-3,83	5,3	Final da hiperinflação brasileira
1995	18.780.057	15,83	4,4	Crise financeira mexicana (Efeito Tequila)
1996	19.313.721	2,84	2,2	
1997	21.492.848	11,28	3,4	Crise financeira asiática
1998	26.067.969	21,29	0,3	Crise moratória da dívida da Rússia
1999	26.690.899	2,39	0,5	Desvalorização do Real
2000	28.971.321	8,54	4,4	
2001	32.615.896	12,58	1,4	Ataque às Torres EEUU
2002	32.945.284	1,01	3,1	
2003	30.742.037	-6,69	1,1	1º ano e forte ajuste fiscal governo Lula
2004	36.554.525	18,91	5,8	
2005	43.095.828	17,89	3,2	
2006	46.345.828	7,54	4	
2007	50.002.469	7,89	6,1	Início crise econômica EEUU

Pinto, R. & Moquete Guzmán, S. (2021). Economia, política, crise e turismo: a oscilação do fluxo aéreo brasileiro entre 1993 e 2017. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 13(1), pp. 90-108, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i1p90>

2008	48.702.482	-2,60	5,1	Crise subprime EEUU
2009	56.024.144	15,03	-0,1	Queda do PIB mundial, reflexo dos <i>subprimes</i>
2010	68.258.268	21,84	7,5	
2011	79.244.256	16,09	4	
2012	85.471.710	7,86	1,9	
2013	88.943.789	4,06	3	
2014	94.741.258	6,52	0,5	Copa do Mundo Futebol
2015	94.453.798	-0,30	-3,5	Início Recessão econômica Brasil e da crise política
2016	90.274.593	-4,42	-3,3	Recessão econômica Brasil / Impeachment/ Olimpíadas de verão
2017	92.149.646	2,08	1,3	
2018	95.650.470	3,80	1,3	
2019	97.381.929	1,81	1,1	

Fonte: Elaboração própria com base em Brasil (2019a e 2019b) e FMI (2020 e 2020a).

Considerando a análise geral da série, em 1994 houve uma queda dos desembarques de 3,83%, mesmo com o bom desempenho do crescimento do PIB real (5,3%), possivelmente pelos reflexos da hiperinflação na população. A partir de 1995 acontece um aumento das viagens nacionais, exceto nos anos de 2003, 2008 [mesmo em presença de PIBs positivos], e 2015 e 2016 quando os PIBs respectivos tiveram fortes quedas. O fator comum nesses quatro anos foram as crises. De um lado o forte ajuste fiscal de 2003 e a instabilidade política originada pelo impeachment que provocou uma crise econômica sem precedentes no Brasil [2015 e 2016]. Por outro lado, a crise dos *subprime* nos Estados Unidos em 2008 que foi a única em escala internacional cujo impacto foi sentido rapidamente no país. A crise das Torres Gêmeas nos Estados Unidos [11 de Setembro] pode ter incidido na queda do crescimento das viagens nacionais de 2001 (12,58%) para 1,01% em 2002.

Cabe destacar outros anos relacionados com crises econômicas e políticas nacionais em que acontecem variações das viagens nacionais e do PIB com sinais contraditórios. Assim, em 1999 acontece a desvalorização do Real, havendo uma forte redução do crescimento das viagens nacionais (2,39%) em relação ao ano anterior, mas que não chegou a ser negativo. Em 2009, em que o PIB sofreu a primeira de suas três quedas (-0,1%) da série temporal, mas as viagens nacionais tiveram um forte incremento de 15,03%.

Entre 2002 e 2003 o desempenho tanto das viagens nacionais como do PIB foram impactados pelos acontecimentos domésticos do período: em 2002, as eleições para presidente que elegeram o primeiro governo Lula, criando expectativas negativas no mercado, levando a uma queda das viagens nacionais e do crescimento do PIB, em 2003 por conta do forte ajuste fiscal já mencionado. Contudo, aparentemente as crises internacionais originadas nos Estados Unidos

referente ao 11 de Setembro e a invasão do Iraque não tiveram reflexo importante nem no montante das viagens nacionais nem do PIB de 2001 e 2003. Mesmo assim é necessário relativizar essa afirmação tendo em conta que em 2002 e 2003 houve uma forte redução nas viagens nacionais em relação a 2001, quando elas cresceram 12,58%, em plena crise do 11 de Setembro, como já foi ressaltado. Em 2004 foi retomado o crescimento das viagens nacionais com forte incremento de 18,91%.

Precisamente, a partir de 2004 inicia-se um aumento importante nas viagens nacionais no governo Lula, até 2008 quando a crise dos *subprimes* nos Estados Unidos as afeta novamente. Mas a partir de 2010 se dá uma recuperação na economia brasileira, com elevados incrementos do PIB e das viagens nacionais. Em 2015, já no Governo Dilma, que veio a ser deposta no ano seguinte, aconteceu uma forte queda do PIB (-3,5%) e da redução das viagens nacionais (-0,30%), incluindo 2016. Nesse último ano, a celebração das Olimpíadas no Rio de Janeiro não compensaram os efeitos da recessão econômica que afetou fortemente a economia brasileira. A partir de 2017 a economia começa a se recuperar lentamente com taxas de crescimento abaixo de 4% até 2019, último ano da série.

Os dois grandes eventos esportivos internacionais que criaram grandes expectativas no Brasil em relação aos seus impactos econômicos vinculados principalmente ao turismo acabaram não se traduzindo em resultados relevantes na série temporal 1993-2019. Assim, em 2014 a Copa do Mundo conseguiu incrementar as viagens nacionais em apenas 6,52% e o PIB apenas cresceu 0,5% bem abaixo dos 3% do ano anterior. Os impactos positivos previstos para a economia e o turismo das Olimpíadas, celebradas no Rio de Janeiro em 2016, acabaram sendo totalmente neutralizados pela grave crise política iniciada em 2015.

A seguir a Tabela 2 apresenta a evolução dos desembarques de passageiros residentes e não residentes no Brasil em voos internacionais, no período 1993-2019, assim como o indicador “Chegadas de turistas ao Brasil” – 1993-2019, que reúne dados relativos ao fluxo de chegadas de turistas estrangeiros ao Brasil pelas três vias tradicionais: aérea, fluvial e terrestre. São apresentados também o PIB mundial e o PIB do grupo das economias avançadas (FMI, 2020a), de acordo com a classificação do FMI (2020b). Como aqui se trata do desempenho da chegada de turistas internacionais, considerou-se importante fazer essa comparação entre a situação econômica desse grupo de países com e a chegada de turistas estrangeiros ao Brasil.

Tabela 2 – Desembarques internacionais de passageiros residentes e não residentes no Brasil, Chegadas de turistas ao Brasil e PIB real (1993-2019)

Ano	Total	Variação %	Chegadas Turistas	Variação %	PIB Mundial (%)	PIB Economias avançadas (%)	Eventos / Crises
1993	4.407.544		1.641.138		2,1	1,3	
1994	3.685.103	-16,39	1.853.301	12,93	3,3	3,4	
1995	2.338.294	-36,55	1.991.416	7,45	3,3	2,9	“Efeito Tequila” (crise México)
1996	4.923.653	110,57	2.665.508	33,85	3,9	3	
1997	5.712.578	16,02	2.849.750	6,91	4	3,5	Crise financeira asiática
1998	5.514.550	-3,47	4.818.084	69,07	2,6	2,9	Crise moratória da dívida da Rússia
1999	4.982.037	-9,66	5.107.169	6,00	3,5	3,6	Desvalorização do Real
2000	5.417.653	8,74	5.313.463	4,04	4,8	4,1	
2001	4.990.416	-7,89	4.772.575	-10,18	2,5	1,6	Ataque aos EEUU
2002	4.630.114	-7,22	3.784.898	-20,69	3	1,7	Insegurança mundial pelos ataques de 2001
2003	5.375.350	16,10	4.132.847	9,19	4,3	2,1	Invasão do Iraque
2004	6.185.210	15,07	4.793.703	15,99	5,4	3,3	
2005	6.788.233	9,75	5.358.170	11,78	4,9	2,8	
2006	6.367.179	-6,20	5.017.251	-6,36	5,5	3,1	
2007	6.445.153	1,22	5.025.834	0,17	5,5	2,7	Início crise dos <i>subprimes</i> EEUU
2008	6.534.263	1,38	5.050.099	0,48	3	0,2	Crise financeira internacional reflexo dos <i>subprimes</i>
2009	6.510.953	-0,36	4.802.217	-4,91	-0,1	-3,3	Queda do PIB mundial e do PIB grupo economias avançadas, reflexo dos <i>subprimes</i>
2010	7.902.531	21,37	5.161.379	7,48	5,4	3,1	
2011	9.018.507	14,12	5.433.354	5,27	4,3	1,8	
2012	9.368.195	3,88	5.676.843	4,48	3,5	1,2	

2013	9.467.994	1,07	5.813.342	2,40	3,5	1,4	
2014	10.464.720	10,53	6.429.852	10,61	3,5	2,1	Copa do Mundo de Futebol
2015	10.538.012	0,70	6.305.838	-1,93	3,4	2,4	
2016	10.172.972	-3,46	6.546.696	3,82	3,3	1,8	Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro
2017	10.624.962	4,44	6.588.770	0,64	3,8	2,5	
2018	11.777.155	10,84	6.621.376	0,49	3,5	2,2	
2019	11.826.333	0,42	6.353.141	-4,05	2,8	1,7	

Fonte: Elaboração própria com base em Brasil (2019b) e FMI (2020 e 2020a).

A Tabela 2 permite verificar que para o período 1993-2019 a soma das variações do indicador “Chegada de turistas ao Brasil” (164,94%) foi maior do que a dos desembarques internacionais de passageiros residentes e não residentes (155,03%). A média de ambos períodos foi de 6,34% e 5,96%, respectivamente. Nesse sentido, inicialmente verificamos que as maiores quedas anuais foram nos desembarques internacionais dos anos 1994 (-16,39%) e 1995 (-36,55%). Enquanto nesses mesmos dois anos a chegada de turistas estrangeiros teve aumento de 12,93% e 7,45% respectivamente. Pode ser constatado, portanto, que houve um comportamento inverso de ambos indicadores em vários anos, ao longo da série 1993-2019, o que exige olhar quais períodos e anos individualmente, teriam tido mais peso nesses resultados.

Tanto o PIB mundial como o PIB dos países mais avançados tiveram aumentos em 1994 e 1995 assim como também o PIB do Brasil. Não aconteceram crises mundiais nesse período, embora no âmbito do continente americano tivéssemos a crise do México em 1995. Então, fazendo-se um exercício de dedução, chega-se à conclusão de que apenas os fatores econômicos internos (transição da hiperinflação para a estabilidade de preços no período 1994 e 1995) podem ter incidido em um comportamento mais conservador dos brasileiros em termos econômicos relativamente a gastos com viagens.

As chegadas de turistas estrangeiros sofreram suas maiores quedas em 2001 (-10,18%) e 2002 (-20,69%) como consequência dos ataques de setembro de 2001 aos Estados Unidos. Portanto, as crises de impacto mundial, originadas nos Estados Unidos, incidiram fortemente nesse resultado. Já no caso dos desembarques internacionais de residentes e não residentes em aeroportos brasileiros, as quedas nos anos de 2001 e 2002 não foram as maiores de sua série.

Em relação aos períodos de governos em separado, foi verificado que entre 1995-2002, na presidência de Fernando Henrique Cardoso, houve uma variação acumulada de 70,56% dos desembarques internacionais de residentes e não residentes pelos aeroportos para uma média de 8,81%, considerando os oito anos de governo. Em relação à chegada de turistas estrangeiros utilizando as três vias tradicionais (aérea, fluvial e terrestre) a taxa acumulada de variação foi de 96,45% para uma média de 12,06%. As maiores altas foram nos anos 1996 (110,57%) para os desembarques internacionais aéreos e 1998 (69,07%) para as chegadas de turistas estrangeiros. As maiores quedas foram em 1995 (-36,55%) e 2002 (-20,69%) para ambos indicadores respectivamente.

No período de governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva o comportamento dos indicadores da tabela 2 foi menor, gerando 58,33% na soma das variações de desembarques internacionais aéreos e 33,82% no indicador chegadas de turistas estrangeiros para o período de oito anos, 2003-2010, para uma média de 7,29% e 4,22%. Em 2010 (21,37%) e 2004 (15,99%) o governo Lula teve seus melhores resultados em cada indicador, respectivamente. Os piores desempenhos foram em 2006 (-6,20%) e (-6,36%) no mesmo ano para os indicadores de desembarques internacionais por aeroportos e chegadas de turistas estrangeiros, respectivamente.

No governo Dilma Rousseff, considerando ambos períodos de governo até 2015, antes do impeachment de 2016, as variações acumuladas (2011-2015) foram de 30,29% nos desembarques internacionais e 20,83% para as chegadas de turistas estrangeiros resultando em médias de 6,06% e 4,17%. Para o período completo dos dois presidentes do Partido dos Trabalhadores, Lula e Dilma, 2003-2015 os valores acumulados para esse período foram de 88,62% para desembarques internacionais e 54,65% das chegadas de turistas estrangeiros, resultando em médias de 6,82% e 4,20% respectivamente.

A média de passageiros internacionais no Brasil foi de 4.813.661 nos oito anos de Governo FHC [1995-2002] e no Governo Lula [2003-2010] foi de 6.513.609. Durante o Governo FHC se registrou a diminuição de viajantes internacionais em cinco ocasiões, já no Governo Lula, apenas em duas. Os menores desempenhos do governo Lula-Dilma [2003-2015] com crescimento de 6,82% e 4,20% em ambos indicadores respectivamente, em relação ao governo de FHC (8,81% e 12,06%) refletem, possivelmente a crise política e recessão econômica iniciada em 2015 no Brasil e a crise global de 2007-2009. Para o período total, 1993-2019, as médias das taxas acumuladas foram de 5,96% e 6,34% dos desembarques internacionais e chegadas de turistas

estrangeiros, respectivamente. A média do primeiro indicador teve valor mais baixo em relação aos subperíodos de governos descritos.

Os dados referentes aos desembarques internacionais e chegadas de turistas estrangeiros permitem inferir os maiores impactos das crises internacionais no fluxo de passageiros que vêm ao Brasil, diferentemente dos dados sobre desembarques nacionais, que revelam menores impactos das diferentes crises internacionais nos desembarques nacionais. Se considerados os dados apresentados até aqui a respeito dos desembarques nacionais e internacionais, os primeiros tiveram melhor desempenho, tendo crescido 7,28% no período 1993-2019 [desembarques internacionais apenas 5,96%] e sendo bem maiores em valor absoluto do que os desembarques internacionais e chegadas de turistas estrangeiros.

Tomando como referência o indicador “Chegada de turistas ao Brasil” (Tabela 2) para os anos de 2000 e 2018 para podermos comparar o mesmo indicador no plano global (Tabela 3) com os sete primeiros países receptores de turistas no mundo, de acordo ao ranking de 2018 (França, Espanha, Estados Unidos, China, Itália, Turquia e México), pode-se constatar que o Brasil só teve melhor desempenho do que a França (embora os dois países estejam em patamares bem distintos). Cabe ressaltar que a Turquia não fazia parte dessa lista de líderes em 2000 e o México ganhou uma posição porque ocupava o oitavo lugar em 2000 e subiu para o sétimo lugar em 2018. Em termos de quantidade absoluta de turistas que visitam o Brasil, o país ainda fica muito atrás dos líderes, como pode ser visto na Tabela 3.

Tabela 3 – Desembarques internacionais de passageiros, Brasil e países líderes receptores de 2018 em comparação com 2000

Países	2000	2018	Varição (%)
Brasil	5.313.463	6.621.376	24,62
França	75.580.000	89.400.000	18,29
Espanha	47.898.000	82.773.000	72,81
Estados Unidos	50.945.000	79.618.000	56,28
China	31.229.000	62.900.000	101,42
Itália	41.181.000	62.146.000	50,91
Turquia	9.587.000	45.768.000	377,40
México	20.643.000	41.447.000	100,78

Fonte: Para dados do Brasil: Brasil (2019b), para outros países: OMT (2002; 2019a).

Retomando o contexto brasileiro, ao relacionar crises nacionais e internacionais aos respectivos períodos de governos, vale fazer a comparação de dois intervalos correspondentes a dois governos distintos, que foram emblemáticos cada um a seu modo. Observa-se que a média de

passageiros nacionais no Brasil foi de 25.859.749 no Governo FHC [1995-2002] e no Governo Lula [2003-2010] foi de 47.465.697.

Levando em consideração os dados do desembarque nacional, não houve quedas de viajantes nacionais, em valores negativos, durante os dois períodos de Governo FHC; já no Governo Lula, aconteceram em duas ocasiões: início de governo, em 2003, quando houve um forte ajuste fiscal, e em 2008, por impacto da crise econômica do *subprime* nos Estados Unidos. Considerando ainda o Governo Fernando Henrique Cardoso, houve um incremento de 75,77% de desembarques nacionais de passageiros, quando comparados entre 1995-2002; já no Governo Lula, 2003-2010, houve um aumento de 79,82%, portanto um desempenho superior.

CONCLUSÃO

A partir do início da década de 2000 até 2013, período mais ou menos coincidente com a era Lula-Dilma na presidência do País, o Brasil passou por importantes alterações na sua pirâmide econômica, tendo registrado, pela primeira vez na história, fluxos massivos de pessoas que experimentaram sua primeira viagem de avião ou estadia turística, levando a uma significativa alteração no panorama da atividade turística, que tradicionalmente era voltada para um *happy few* composto pela diminuta fração dos extratos mais abastados da sociedade.

A partir daí se passou a definir o turismo no âmbito do Estado, de modo programático e pragmático, como uma atividade produtiva dotada de condições plenas de planejamento e financiamento, através de vários programas/projetos locais e macroprogramas de escala regional e nacional. Assim, à semelhança do que se tem em destinos mais consolidados, o setor público brasileiro passou, então, a se envolver em diversos campos do turismo, como coordenação, planejamento, legislação e regulamentação, empreendimento, incentivo, apoio à base socioeconômica local e promoção da atividade.

Verificou-se, ainda, forte correlação negativa entre as crises nacionais, sejam econômicas ou políticas, e o fluxo de passageiros de desembarques nacionais [Tabela 1]. Isso aconteceu em cinco períodos: 1994, 2003, 2015-2016 e 2019. Em 1994 com o início do Plano Real de combate à hiperinflação; em 2003, com o forte ajuste fiscal do primeiro governo Lula para ganhar credibilidade dos mercados; em 2015 e 2016 com a crise política e Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff; e em 2019 com o início do governo de ultradireita de Jair Bolsonaro. Apenas em 2008 um fator internacional teve incidência no fluxo aéreo de passageiros em voos domésticos ou nacionais (a crise econômica dos Estados Unidos). Assim, os resultados apontados pela série

histórica indicam que as crises domésticas tiveram maior impacto na evolução das viagens nacionais do que eventos externos, ainda que em dimensão global.

Já em relação ao fluxo de turistas estrangeiros, cuja entrada ao país se dá pelas vias aérea, fluvial e terrestre, apresentou um desempenho mais satisfatório do que os desembarques internacionais, sendo que as crises de impacto mundial foram as que mais o afetaram negativamente. Cabe reiterar a grande diferença em valores absolutos do número de passageiros das viagens aéreas domésticas [Tabela 1] em relação às viagens internacionais. Existe, portanto, um grande nicho de mercado a ser explorado pelo mercado turístico brasileiro na área internacional, no entanto a grande desigualdade de renda no Brasil pode ser o fator que mais limite esse crescimento. Mas, em que pese uma melhora significativa relativa ao fluxo aéreo, com o óbvio desdobramento na atividade turística, o mercado brasileiro ainda é deprimido pela alta concentração de renda e bastante vulnerável às vicissitudes políticas e econômicas, que afetam o desempenho do turismo no país muito mais do que qualquer abalo no plano internacional. Este é sem dúvida o resultado mais categórico a que chegamos nesse trabalho.

O mercado turístico brasileiro é limitado pelas suas condições infraestruturais [segurança, saneamento, alojamento, deslocamento, constância na qualidade do serviço, etc.], econômicas e sociais, e apresenta um desempenho muito inferior às potencialidades do seu patrimônio natural, histórico e cultural. Para se ter uma ideia comparativa, o país com 8,5 milhões de km² recebeu em 2018 cerca de 6,6 milhões de turistas estrangeiros. Neste mesmo período, o arquipélago espanhol das Ilhas Canárias, com apenas 7.447 km² de área [cinco vezes menor do que a Ilha de Marajó], recebeu 13,7 milhões turistas estrangeiros (Europapress, 2019), mais do que o dobro da quantidade de visitantes que se dirigiram a todo o Brasil.

REFERÊNCIAS

- Altinay, L., & Bowen, D. (2006). Politics and tourism interface: The case of Cyprus. *Annals of Tourism Research*, 33(4), 939-956. [Link](#)
- Andriotis, K. (2006). Researching the development gap between the hinterland and the coast - evidence from the island of Crete. *Tourism Management*, 27(4), 629-639. [Link](#)
- Barnes, J. (1987). Redes sociais e processo político. In: B. Feldman-Bianco, (org.) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas - Métodos*. pp. 159-194. São Paulo: Global.
- Barretto, M. (1991). *Planejamento e organização em turismo*. Campinas-SP: Papyrus.
- Beni, M. (2006). *Política e planejamento do turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph.

Pinto, R. & Moquete Guzmán, S. (2021). Economia, política, crise e turismo: a oscilação do fluxo aéreo brasileiro entre 1993 e 2017. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 13(1), pp. 90-108, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i1p90>

Bianchi, R. (2003). Place and power in tourism development: tracing the complex articulations of community and locality. *Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 1(1), 13-32. [Link](#)

Boissevain, J. (2007). Confrontando la industria turística en Malta. In: D. Lagunas (org.). *Antropología y Turismo: claves culturales y disciplinares*. pp 73-90. México D.C.: Plaza y Valdés.

Brasil (2019a). *Dados e Fatos: Anuário estatístico de Turismo*. V. 47. Ano Base 2019. Brasília: MTur. [Link](#)

Brasil (2019b). Estatísticas básicas de turismo.. Ano base 2018. Ministério de Turismo. [Link](#)

Cano, W. (2008). *Desconcentração produtiva regional do Brasil: 1970-2005*. São Paulo: Unesp.

Chambers, E. (2000) *Native Tours: the anthropology of travel and tourism*. Long Grove: Waveland.

Cheong, S-M., & Miller, M. (2000). Power and tourism: A Foucauldian observation. *Annals of Tourism Research*, 27(2), 371-390. [Link](#)

Coleman, S. & M. Crang, M. (org) (2002). *Tourism: between place and performance*. New York, Oxford: Berghahn Books.

Dias, R. (2003). *Planejamento do Turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil*. São Paulo: Atlas.

Diniz, E. (1997). *Reforma do Estado e governabilidade no Brasil*. Brasília: UnB.

Europapress (2019). Canarias se sitúan como tercer destino de los turistas extranjeros con 13,7 millones en 2018 pero cae un 3,3%. *EuropaPress*. [Link](#)

Fortes, M., & Evans-Pritchard, E. E. (Eds.). (1940). *African Political Systems*. Oxford: Oxford University.

Foucault, M. (1976). *La volonté de savoir*. Paris: Gallimard.

Fundo Monetário Internacional - FMI (2020a). *World Economic Outlook*. [Link](#)

Fundo Monetário Internacional - FMI (2020b). Composição de países de grupos WEO. [Link](#)

Galani-Moutafi, V. (2000). the self and the other: traveler, ethnographer, tourist. *Annals of Tourism Research*, 27(1), 203-224. [Link](#)

Grünwald, R. (2015). Turismo Pataxó: da renovação identitária à profissionalização das reservas. *Agália - Revista de Estudos na Cultura (especial)*, 43-57. [Link](#)

Hernandez Ramírez, J., Pereiro, X., & Pinto, R. (2015). Panorama de la Antropología del Turismo desde el Sur. *Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 13(2), 277-281. [Link](#)

Pinto, R. & Moquete Guzmán, S. (2021). Economia, política, crise e turismo: a oscilação do fluxo aéreo brasileiro entre 1993 e 2017. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 13(1), pp. 90-108, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i1p90>

- Kurtz, D. (2001). *Political Anthropology: power and paradigms*. Cambridge and Oxford: Westview Press.
- Lewellen, T. (1994). *Introducción a la antropología política*. Barcelona: Bellaterra.
- Meyer, A. (1987). A importância dos “quase-grupos” no estudo das sociedades complexas. In: B. Feldman-Bianco. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas - Métodos*. pp. 127-158. São Paulo: Global.
- Morgan, N., & Pritchard, A. (1998). *Tourism, promotion and power: creating images, creating identities*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Munsters, W., & Marjan, M. (Eds). (2015). *Anthropology as a Driver for Tourism Research*. Antwer: Garant Publisher.
- Nash, D. (1996). *Anthropology of Tourism*. New York: Pergamon.
- Organização Mundial de Turismo - OMT (2002). *International Tourism Highlights 2002 Edition*. [Link](#)
- Organização Mundial de Turismo - OMT (2019). *International Tourism Highlights 2019 Edition*. [Link](#)
- Pereiro, X. (2016). A review of Indigenous tourism in Latin America: Reflections on an anthropological study of Guna Tourism (Panama). *Journal of Sustainable Tourism*, 24(8-9), 1-18. [Link](#)
- Pinto, R. (2006). *Turismo e Identidade: a gestão da baianidade e a produção de tradições*. Caxias do Sul: Educs.
- Pinto, R. (2012). Tourism, trade and cocoa: politics and tourist space in Ilhéus, Brazil. In: Valença, M., Cravidão, F., & Fernandes, J. (Org.). *Urban Developments in Brazil and Portugal*. Pp 353-369. New York: Nova Science Publishers.
- Pinto, R., & Pereiro, X. (2010). Turismo e Antropologia: contribuições para um debate plural. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(13-14), 219-226. [Link](#)
- Pires, E. (2003). *O Baile do Turismo: turismo e propaganda no Estado Novo*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Santana Talavera, A. (1997). *Antropología y Turismo: ¿Nuevas hordas viejas culturas?*. Barcelona: Ariel.
- Santana Talavera, A. (2009). *Antropologia do Turismo: Analogias, Encontros e Relações*. São Paulo: Aleph.
- Santana Talavera, A. (2015). Turismo, Incursiones Interdisciplinares desde la Antropología Social. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, (especial), 83-99. [Link](#)

Pinto, R. & Moquete Guzmán, S. (2021). Economía, política, crise e turismo: a oscilação do fluxo aéreo brasileiro entre 1993 e 2017. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 13(1), pp. 90-108, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i1p90>

Santana Talavera, A., & Pinto, R. (2010). Bordes y límites del modelo de Ciclo de Vida del producto turístico. Reflexiones desde el terreno de investigación. *Aportes y Transferencias - Tiempo Libre, Turismo y Recreación*, 14(1), 119-135. [Link](#)

Sharpley, R., & Telfer, D. (Eds.). (2002). *Tourism and Development: Concepts and Issues*. Clevedon: Chanel View Publications.

Simonicca, A. (2001). *Antropologia del Turismo: Strategie di ricerca e contesti etnografici*. Roma: Carocci.

Simonicca, A. (2007). Conflicto(s) e interpretación: problemas de la antropología del turismo en las sociedades complejas. In: Lagunas, D. (Coord.). *Antropología y Turismo: Claves Culturales y Disciplinarias*. 27-46. Mexico City: Plaza y Valdés.

Smith, V. (org.) (1977). *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Smith, V. (org.) (1989). *Anfitriones e Invitados: la antropología del turismo*. Madrid: Endymion.

Smith, V., & Brent, M. (Orgs.) (2001). *Hosts and guests revisited: Tourism issues of the 21st century*. New York: Cognizant Communication.

World Economic Forum. (2017). *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2017: Paving the way for a more sustainable and inclusive future*. Geneva. [Link](#)

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 28 FEV 20; Aceito: 26 OUT 20